

APRESENTAÇÃO

AS LINHAS E AS LETRAS: EPISTOLOGRAFIA E MEMÓRIA DA CULTURA ESCRITA

A escrita de cartas vive hoje um processo de acelerada transformação, provocado pelos rápidos desenvolvimentos tecnológicos no domínio das técnicas de comunicação e de informação. As mensagens eletrónicas e as SMS tornaram praticamente anacrónicas as trocas epistolares em papel, protegidas por envelopes e utilizando os circuitos postais tradicionais. Até a correspondência comercial e oficial está a abandonar os meios de comunicação que se foram estabelecendo ao longo dos séculos, rendida à rapidez e outras vantagens da desmaterialização proporcionada pela tecnologia digital. Neste momento de crise e renovação das práticas epistolares, o CITCEM tomou a iniciativa de organizar um amplo Colóquio – o V Encontro CITCEM – intitulado «As Linhas e as Letras: Epistolografia e Memória da Cultura Escrita», que decorreu entre 24 a 26 de novembro de 2016, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, no qual um vasto conjunto de especialistas nacionais e estrangeiros teve a oportunidade de examinar, lado a lado com jovens investigadores, um amplo arco temporal de «culturas epistolares», desde a antiguidade até aos dias de hoje, procurando uma reflexão inclusiva e dialogada que envolveu diversos domínios científicos, como a Literatura, a História, a História de Arte, a Antropologia ou a Sociologia.

Na sequência desta iniciativa, foi tomada também a decisão de consagrar o número 8 da revista *CEM* à mesma temática, atendendo à valorização que este domínio de estudo tem conhecido nos últimos anos e à transversalidade do tema, dimensões que ficaram bem evidentes nas conclusões do referido Encontro. Lançado o apelo a contribuições, foram recebidas mais de três dezenas de propostas de artigos científicos para publicação, confirmando o interesse e atualidade da temática associada à epistolografia, especialmente no âmbito dos modernos estudos que se debruçam, a partir de múltiplos pontos de vista, sobre a(s) cultura(s) escrita(s). No conjunto de artigos assim reunidos, e que agora se publicam, é possível, pois, encontrar um panorama bastante alargado, tanto no plano cronológico quanto no domínio das metodologias mobilizadas e âmbitos científicos contemplados. Visando conferir um mínimo de organicidade e consistência ao volume, criámos duas grandes secções no interior do núcleo monográfico dedicado à Epistolografia: «As linhas da escrita», por um lado, e «As letras da memória», por outro.

Na primeira destas secções incluímos textos que, de alguma forma, abordam questões teóricas relacionadas com a escrita de cartas, propondo linhas de enquadramento

histórico-literário ou recordando e analisando preceitos destinados a conduzir aqueles que, por ofício, por necessidade ou por gosto enfrentavam a tarefa da escrita no contexto do género epistolar. Neste grupo reunimos, também, alguns trabalhos que estudam a formação de linhas de comunicação interpessoal com base na troca de correspondência escrita.

O primeiro artigo do referido conjunto situa nos séculos XVI e XVII o momento a partir do qual escrever cartas se tornou «uma prática social da cultura escrita que se generaliza e populariza ao mesmo tempo em que uma parcela maior da população é alfabetizada e são criados os sistemas escolares»¹, com forte impacto nos «artefactos culturais implicados» nestas práticas. Segue-se um estudo que se debruça sobre a «teoria da composição epistolar nas épocas clássica e medieval», no qual se apresentam alguns dos muitos tratados sobre este género discursivo, assim como os principais cultores da carta. O terceiro artigo recua até à antiguidade egípcia para centrar a sua atenção nas antigas cartas aos mortos, considerando que tais textos pretendiam «divulgar um determinado contrato entre o parente falecido e o parente vivo», estabelecendo por este meio uma linha de comunicação que permite superar o fosso entre vivos e mortos. Sublinhando ainda esta capacidade que o diálogo epistolar tem para superar barreiras aparentemente inultrapassáveis, o trabalho seguinte parte de uma reflexão acerca da lírica amorosa em médio-altoalemão, o ‘Minnesang’, para entender a vertente epistolográfica possivelmente associada a esta tradição como uma linha de comunicação ao serviço da «transgressão do silêncio sem que este seja, de facto, verdadeiramente transgredido». Continuando na literatura alemã, segue-se um estudo que problematiza a relação de paralelo e de contraste entre mãe e filha, a Rainha anónima e Lavinia do *Eneasroman* de Neinrich von Veldeke, conseguida através do motivo da carta. Fecha este núcleo inicial um artigo que começa por oferecer uma contextualização histórica da prática epistolográfica para procurar, depois, em exemplos concretos de cartas escritas por personalidades muito diversas e afastadas umas das outras no tempo, o que a autora entende «ser o fio condutor que nos une através dos séculos».

No segundo núcleo desta secção inicial incluem-se diversos estudos que se debruçam sobre o papel das cartas na formação de redes, com o propósito de influenciar projetos de diversa ordem, nomeadamente de cariz político ou ideológico. Situado neste contexto das trocas epistolares no âmbito da diplomacia, o estudo seguinte analisa a linguagem utilizada nas fontes pontifícias portuguesas e italianas da primeira metade do século XII, com destaque para os documentos papais relativos aos problemas fronteiriços da diocese do Porto, durante o bispado de Dom Hugo (1112-1136), com as dioceses de Coimbra e Braga. A análise que empreendem leva os autores a concluir pela necessidade de se estudar as dinâmicas políticas e eclesiásticas do Porto e do bispo Dom Hugo num quadro mais alargado, de âmbito europeu. Segue-se um estudo que se debruça sobre um conjunto de cartas do P.e Alexandre de Gusmão, S.J. (1629-1724), maioritariamente

¹ Os excertos assinalados com aspas são tomados dos resumos elaborados pelos autores dos diferentes artigos para apresentação dos seus trabalhos.

inéditas, depositadas no ARSI, originalmente escritas com o fito de edificar leitores internos e externos da Companhia de Jesus, que hoje se revelam especialmente importantes para a construção do conhecimento sobre a ação catequética e evangelizadora dos jesuítas no Brasil. Vem depois um artigo que aproveita correspondência endereçada em meados do século XVII a Francisco Lopes Capadoce, um homem de negócios português, para estudar o papel exercido pelas cartas no mundo dos negócios durante o período moderno, domínio em que se tornaram instrumentos fundamentais. No mesmo terreno das cartas de negócios, mas numa cronologia mais próxima – anos vinte do século passado –, apresenta-se outro estudo que pretende evidenciar o valor documental deste tipo de cartas na investigação sobre o projeto arquitetónico de Le Corbusier, para o que recorre à metodologia da Crítica genética e utiliza fontes privadas arquivadas na Fondation Le Corbusier de Paris. Se aqui se conclui que «o lirismo corbusiano invade o território epistolar para deleitar, comover ou persuadir o destinatário», o artigo seguinte mostra como, também no domínio da vida espiritual, as cartas se tornaram, no século XVII português, um meio de que se servem alguns diretores de consciência (Fr. Estêvão da Purificação (O.C.), Fr. António da Conceição (C.S.J.E.) e Padre João Cardim (S.J.) para exercerem o seu ascendente sobre as suas dirigidas, guiando-as em diversos domínios da prática religiosa, tais como leituras, modos de orar ou práticas ascéticas e devotas. Avançando para o século XVIII, o estudo seguinte mostra como o discurso epistolar serviu, em meios científicos iluministas, para alcançar dois propósitos essenciais: o de divulgação, ficcionando uma leitora feminina a quem teorias científicas complicadas podiam ser explicadas de maneira mais simples e atraente, e o de criar uma rede de comunicação entre pares que permitia a partilha e a discussão de novas descobertas ou tentativas de explicação de fenómenos naturais. Ainda no Século das Luzes, mas agora em Portugal, as cartas de Frei Manuel do Cenáculo e de Francisco Xavier Fabri que são estudadas no artigo seguinte permitem constatar, nestas figuras, preocupações com a salvaguarda de bens reconhecidos como património histórico, o que revela a consciência patrimonial dos seus autores. Fecham esta secção mais dois trabalhos dedicados a realidades de finais de Setecentos. O primeiro serve-se da correspondência trocada entre os livreiros sediados em Portugal e a Société Typographique de Nêuchatel para destacar o papel decisivo da cultura escrita na criação de «um repositório da(s) memória(s) da Humanidade, auxiliar dificilmente substituível da transferência longitudinal de conhecimentos, técnicas, modos e modas, de cultura...». O artigo que fecha este primeiro conjunto centra a sua atenção nas cartas escritas por Germaine de Staël durante o primeiro exílio, entre 1788 e 1795, com as quais lhe foi possível estabelecer e manter uma rede de contactos que haveria de servir-lhe como plataforma intelectual ao serviço dos ideais políticos revolucionários que professava e da sua luta posterior contra Napoleão.

Na segunda secção do núcleo monográfico, aqui identificada como «As letras da memória», reúnem-se 13 artigos que valorizam o património epistolográfico enquanto registo de vivências pessoais, a partir do qual é possível reconstruir narrativas de vida e sondar universos privados que dificilmente seriam atingidos por outros meios. A propósito de experiências de exílio ou outros acontecimentos da esfera íntima e/ou familiar

mais ou menos marcantes, os autores deixaram nestas cartas testemunhos que podem interessar tanto a biógrafos como a historiadores ou sociólogos.

A abrir, surge-nos um artigo que analisa um dos numerosos casos compilados pelo ambicioso projeto *Post Scriptum*: o de Don Pedro de Escobedo, um fidalgo espanhol que foi processado em 1682 por um delito contra a integridade moral duma religiosa do convento de Santa Clara de Martos (Jaén). A partir deste caso de justiça, o autor pretende «mergulhar no fundo mental e social em que este fidalgo se movimenta» e compreender «como esses valores afetam o modo como viveu o amor, a vida profissional e a ação judicial». O segundo artigo desta secção analisa as dezenas de cartas que o jovem engenheiro Walter Merivale enviava regularmente para os familiares em Inglaterra, nas quais descrevia a sua experiência em Goa durante a construção do caminho de ferro de Mormugão, entre 1881 e 1888. Para além de aprofundar a história do caminho de ferro goês, discute-se a formação da *persona* do engenheiro e equaciona-se o uso de correspondência privada em investigações históricas.

Segue-se um grupo de estudos centrados em vultos maiores do mundo literário português, observados pelo ângulo das cartas que escreveram ou que receberam. É este o caso do artigo que analisa a correspondência dirigida a Almeida Garrett durante os seus tempos de exílio. São um conjunto de 25 cartas, aproximadamente, escritas por sua mãe e familiares num momento conturbado da história de Portugal, que integram atualmente o espólio conservado no setor de reservados da Biblioteca da Universidade de Coimbra. Vem depois uma análise das cartas literárias escritas por Júlio Dinis, mas assinadas com o pseudónimo Diana de Avelada. Publicadas originalmente em jornais diários, estas peças constituem um criativo exercício de escrita em que se faz «um perspicaz e irónico desafio à reflexão a partir de considerações filosóficas, caracterização de género, auscultação dos modos, descrições geográficas ou da apologia das gentes e rotinas da cidade ou do campo, infletindo para linhas de orientação ditadas pela emergente Ciência». Se no caso do autor de *Uma Família Inglesa* está bem marcado o distanciamento entre o escritor e a suposta autora das cartas, é sempre problemático avaliar a fidelidade de quem escreve ao que foi efetivamente vivido, mesmo quando se trata de correspondência íntima. O caso de Ruben A., estudado no artigo seguinte, é bem elucidativo a este propósito, quando as cartas familiares que o escritor trocou com os pais entre 1942 e 1945 desafiam algum do conteúdo da autobiografia *O mundo à minha procura*, publicada na década de 60. O confronto entre as duas modalidades de escrita do “eu” revela divergências que são particularmente notórias nas impressões que o autor regista sobre o seu período de formação académica em Coimbra, o que é aqui interpretado como uma consequência dos pactos epistolar (Altman) e autobiográfico (Lejeune) que o autor estabelece com os seus leitores. Segue-se um estudo centrado nas «cartas de amor e exílio» trocadas entre Jorge de Sena e Mécia de Sena que procura entender a prática epistolar em interpenetração com a criação literária. Uma vez que a correspondência privada é a única fonte documental que permite conhecer as interações diretas dos atores sociais, o artigo reconstitui as “redes egocentradas” emissor/recetor e identifica relações estruturais e tipos de redes sociais, concluindo, em linha com o estudo precedente, «pela necessidade de debater a

suspensão da certeza biográfica nestas cartas». Vem a seguir uma análise da correspondência trocada entre António Sérgio e aquela que viria a ser sua mulher, Luísa Estefânia, no período que vai do outono de 1902 até à primavera de 1910. Trata-se de um conjunto que contém relevante informação autobiográfica sobre o brilhante ensaísta, uma vez que nestas cartas se encontram referências «à importância da família, ao magma sociocultural que experienciou durante os seus primeiros anos de vida e que terá sido fundamental na formação da sua personalidade, às leituras que fez e aos pensadores que leu». Embora sem as liberdades formais proporcionadas pela “carta familiar”, é possível reconstruir na epistolografia do Padre António Vieira elementos sobre a sua «experiência de jesuíta em aldeia». O trabalho que aqui se publica maneja as cartas que Vieira escreveu ao longo de 70 anos (1626-1697) para observar o modo como, respeitando os objetivos e prescrições do género textual, o autor deixa entender o modo como «usava a “experiência” associando-a ao espaço dos aldeamentos e à condução dos índios ao corpo social hierárquico português». A fechar este grupo de epistolografia “literária” e memorialista, oferece-se um artigo que apresenta o conjunto de 27 cartas dirigidas em 1821 a Domingos de Oliveira Maia, ensaiando uma sondagem das potencialidades que oferecem «como documento para o estudo social, político e até estético num ano particularmente importante da história de Portugal». É o regresso à reflexão sobre o valor do material epistolográfico na sua dimensão tanto literária como documental, uma questão especialmente pertinente no século XIX.

Colocamos na parte final desta vasta secção temática quatro artigos que abordam temáticas associadas a situações de emigração, com relevo especial para os movimentos entre o norte de Portugal e o Brasil. As cartas escritas por e/imigrantes são uma fonte rica que tem sido utilizada tanto por investigadores que se interessam pela História Social da Cultura Escrita ou pela História Cultural, como pelos que trabalham no domínio da escrita feminina. Neste âmbito se situa o trabalho que leva como título: «Cartas de mulheres: história social da cultura escrita de e/imigrantes portuguesas no Brasil (1896-1929)». No trabalho seguinte, submete-se documentação do mesmo tipo, conservada no Arquivo do Governo Civil de Viana do Castelo, a uma primeira análise quantitativa para, depois, se dar atenção «à problemática da saudade da gente anónima, observada a partir da perspectiva do emigrante». Este pequeno núcleo dedicado às cartas de emigrantes encerra com um estudo que cruza a correspondência recebida pelo “brasileiro” Sousa Fernandes entre 1862 e 1904 com os passaportes, para «fazer um estudo de caso de um emigrante de torna-viagem do Minho, da segunda metade de Oitocentos». Esta investigação permitiu concluir que o recurso ao epistolário se revela fundamental, dado que esta fonte «possibilita apreender facetas que as fontes clássicas não alcançam».

Creemos ressaltar, nesta apresentação brevíssima de quase três dezenas de artigos, a riqueza de perspectivas metodológicas e temáticas que a investigação das práticas epistolares abre, bem como a fecundidade que as abordagens transdisciplinares – perspectiva inscrita na matriz tanto do CITCEM como desta sua revista – apresentam.

Ao vasto dossiê temático que dá título a este volume monográfico juntam-se 3 outros artigos que formam a habitual secção “Vária”. Os autores do primeiro destes trabalhos

partem do levantamento das marcas oficialmente registadas entre 1883 e 1900 – em que identificam uma forte presença de marcas de vinhos e produtos vinícolas – para investigar a forma como os diferentes agentes comerciais recorreram a imagens rurais associadas às regiões de origem dos vinhos, para criarem elementos de distinção e valorização das suas marcas. O segundo artigo situa-se no domínio da história da medicina em Portugal e procura identificar as principais fases da construção da endocrinologia portuguesa na primeira metade do século XX. Por último, publica-se um novo artigo de uma série que o autor tem vindo a dedicar há já alguns anos a propostas pedagógicas centradas na utilização de fontes literárias para o estudo da história. Desta vez, está em causa a invasão da Polónia, que marcou o principio da Segunda Guerra Mundial.

Depois de apresentar aos leitores este vasto e muito diversificado conjunto de estudos, resta-nos esperar que algum dos temas abordados vá ao encontro dos seus interesses e nele possa estimular o saudável espírito crítico, tanto quanto satisfazer a sede de conhecimento. Os autores destas quase três dezenas de estudos não os escreveram para si próprios, mas para os fazerem chegar aos seus pares e a um público mais largo, menos especializado mas interessado nos resultados da investigação que se vai fazendo na área das ciências humanas. Disseminar os resultados do trabalho desenvolvido pelos investigadores do CITCEM é um objetivo fundamental que a revista *CEM* persegue desde a sua origem e que este novo número deseja cumprir, uma vez mais.

Luís Fardilha
(Editor da CEM 2017)